Gamboa mostra beleza e contraste social

CONTEMPLAÇÃO
Moradores acham um privilégio ter suas casas com vista para a baía

CLÁUDIA OLIVEIRA

De origem indígena, a palavra Gamboa significa o local, no leito dos rios, onde se remansam as águas, dando a impressão de um lago sereno. Essa descrição justifica com maestria a denominação destinada ao bairro da Gamboa, em Salvador. Localizado à beira-mar, oferece uma visão privilegiada da borda sudoeste da Baía de Todos os Santos. A paisagem mostra a imensidão de um mar tranqüilo, os barcos por ele a navegar e os contrastes da divisão entre o luxo e a pobreza, separados pela sinuosa Avenida do Contorno.

A encosta resultante de uma falha geológica, que separa a Cidade Alta da Cidade Baixa, também é limite para designar o perfil dos moradores da Gamboa. Na chamada Gamboa de Cima, ocupada pela classe média, as mansões mostram ser aquela uma das áreas nobres da cidade. Não só pela localização, com as janelas apontando para uma área de extrema beleza natural, mas também pela infra-estrutura de que dispõe em seus limites. É que o bairro está situado entre o antigo Palácio Arquiepiscopal e o Solar do Unhão, próximo ao Comércio, Campo Grande, Vitória e Aflitos, quase que fazendo parte do Centro da cidade.

Do outro lado, está Gamboa de Baixo. Uma comunidade essencialmente formada por pescadores, que reúne 145 famílias. São pessoas simples. Homens que levantam junto com o sol para buscar na baía a fonte de sobrevivência. Mulheres que cuidam da casa, tratam o peixe na varanda e estendem as roupas para secar nos varais ao balançar da brisa. Crianças que têm liberdade para subir e descer escadas e se divertir em meio aos mirantes de pura contemplação.

Forte secular

Em Gamboa de Baixo, o mar está mais próximo, assim como os resquícios da história. Uma das marcas do passado de colonização são as ruínas do Forte da Gamboa. Construído em 1810, o forte tinha ao redor um aglomerado de casas coloniais. Ao longo do Porto da Gamboa, sete ainda resistem ao tempo. Mas, assim como o forte, estão em total estado de degradação. Algumas delas são ocupadas por moradores. Uma é sede da Igreja Universal do Reino de Deus. Outras estão fechadas, ameaçadas de desabamento.

A história do bairro vem sendo acompanhada de perto por antigos moradores. O pescador Manoel Bomfim Filho, 62 anos, é uma dessas testemunhas oculares. "Aqui nasci e me criei". Ele disse que a Gamboa era uma área praticamente desabitada. "Isso aqui tudo era mato". Valdete Sapucaia, 73 anos, que mora na Gamboa de Baixo desde os 10 anos, confirma. "Aqui só cresceu depois que fizeram na década de 60 a Avenida do Contorno".

De lá para cá, os moradores esperou o *progresso* acontecer. A área de cima foi sendo urbanizada, enquanto que a parte de baixo, pertencente à União, cresceu agregando um número cada vez maior de famílias que hoje lutam pela permanência no local, como certifica Manoel. "Já pensou morar a vida toda no lugar para depois sair? Gosto de tudo aqui na comunidade, não quero sair. Para melhorar é só deixar a gente no nosso canto".

Luta organizada

Essa é uma das lutas da Associação de Moradores GG, fundada em 1996, como forma de integrar os moradores e lutar pelo melhoramento da comunidade. O diretor da associação, Adriano de Jesus Sapucaia, disse que os moradores vivem ameaçados de despejo, em virtude do projeto da Via Náutica, que prevê a instalação de um píer de atracação na localidade. "A Via Náutica vai passar e pelo menos 13 famílias que moram no forte correm o risco de sair. E o nosso sonho, a nossa luta é receber as escrituras, para que todo mundo que vive e adora esse lugar permaneça aqui".

Adriano Sapucaia disse que os moradores sofreram muito com a falta de infra-estrutura. Mas alguns melhoramentos foram feitos com a implantação do projeto de urbanização de favelas. A partir de 1996, dentre outras coisas, esse projeto substituiu os barracos por casas e pequenos sobrados, com respaldo do financiamento da Caixa Econômica. Mas ainda há muito por fazer, conforme o dirigente da associação.

Foto: Manu Dias

Ocupação da encosta, acima e abaixo da Avenida do Contorno, resultou em duas comunidades

LOCALIZAÇÃO

Editoria de Arte/A TARDE

Esgoto e água são as reivindicações

Uma das reivindicações é a realização de obra de saneamento básico, bem como o término do projeto de regularização da água por parte da Embasa. A comunidade também luta pela reativação da única escola existente. Fundada por uma italiana para alfabetizar crianças, jovens e adultos, a Escola Nossa Senhora da Gamboa só funciona em um turno e esporadicamente, o que dificulta o acesso à educação.

Os moradores também lutam pela despoluição do Porto da Gamboa, onde os esgotos de bairros da Cidade Alta são despejados sem nenhum tratamento. O local serve também, apesar do trabalho de conscientização que é feito, de depósito de lixo, despejado pela própria população.

Fonte limpa

Nessa área, um potencial ponto de atração turística, o esgoto, que contribui para a proliferação de baratas, contrasta com a água límpida e cristalina que escorre de uma bica natural, na rocha. A água é usada pela comunidade para o gasto doméstico, para tomar banho e inclusive para beber. As crianças são as que mais aproveitam nos dias de calor. "Essa água serve pra tudo. Tem gente que a usa mais do que a água da Embasa", afirmou Adriano.

E é desfrutando desses recursos ambientais, que os moradores da Gamboa querem viver. Pois, como bem definiu o pescador Manoel, "quem vê essa Baía de Todos os Santos todos os dias não envelhece. A gente fica coroa, mas não fica velho", disse, entre risos. Adriano, que tem 24 anos e também é nascido na Gamboa, resume a condição de morar na localidade. "Viver aqui é um privilégio".